

2432160



O PALEOPROTEEROZOICO NA BORBOREMA: "CONSTRAINTS" E CONJECTURAS

Benjamim Bley de Brito Neves¹

¹ Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo; bbleyn@usp.br

Nestes 38 anos de SGN/SBG houve muitos progressos no conhecimento geológico. Em todos os pilares de suporte – mapeamento geológico básico, técnicas de análise, determinações geocronológicas, levantamentos geofísicos, dissertações e teses de doutoramento, metodologias, campos científicos e associações científicas para pesquisa, modelamentos, etc. – vivenciamos uma vintúplice (no mínimo). Avançamos muito mais do que poderíamos imaginar em 1965, mas temos que avançar muito mais, em progressão geométrica, para chegarmos próximos do ideal. O portfólio de conjecturas suplanta aquele de "constraints". Recentemente foi publicada síntese sobre a presença dos sistemas do Paleoproterozoico no continente. A Borborema tem representação razoável (a boa) de todos os sistemas/períodos desta Era. Embora estejamos numa "região orogênica" do Neoproterozoico, de DNA gondwânico, é justo reiterar que a Borborema é uma das excepcionais vitrines do mundo das ocorrências de retrabalhamento tectônico, termal e somático. Aquilo que os tectonicistas ocidentais tentam esconder/camuflar/menosprezar tem na Borborema registro excepcional. O limite Arqueano-Paleoproterozoico demanda mais investimentos de pesquisas. Difícil, será separar sempre o registro de terrenos do Arqueano daqueles do Paleoproterozoico. Os registros do Sideriano (2,5-2,3 Ga) começam a aparecer, e devemos os ter muito mais. Principalmente ocorrem em "maciços/terrenos" e *basementinliers* dos ciclos do Neoproterozoico. No Maciço de Granja, no Ceará Central, no maciço do Rio Piranhas, no S. José do Campestre, no TAM, com indicações em estudo

no S. José do Caiano e no PEAL. Os registros do Riaciano (2,3-2,05 Ga) são excepcionais em número e qualidade em todos os tipos de contextos do embasamento. Vários ciclos orogênicos “wilsonianos” são parte deste acervo de dados, consoante regimes acrecionários e colisionais. E, mais ainda, alguns destes ciclos com desenvolvimento final já no Orosiriano. Há um vício de interpretação lamentável de colocar todos estes valores na égide de um mesmo ciclo (e.g., “Transamazônico”) e até mesmo de um determinado complexo (e.g., “Caicó”). Há dados que transcendem orogênese e inclusive casos de granitogênese anorogênica neste período. A presença do Orosiriano (2,05-1,8 Ga) tem sido consignada de várias formas: ciclos orogênicos próprios e complementação de processos metamórficos do Riaciano, granitos anorogênicos cortando os tratos previamente consolidados e ainda mais recentemente expressivos enxames de diques (em Camalaú e Arauá). O registro dos sistemas do Estateriano (1,8-1,6 Ga) é pequeno em número, mas cobre todas as “subprovíncias” da Borborema. Inclui magmatismo félsico (Saquinho, Orós-Jaguaribe, Peixe Gordo, Serra do Deserto, W do RN, Taquaritinga do Norte, Caturité e adjacências) e destaque para a ocorrência de alguns gabro-anortositos (Passira, Boqueirão, outros?). Adicionalmente, temos o registro de bacias sedimentares cratogênicas (QPC) no Ceará, Pernambuco, Piauí, Bahia e Sergipe. Estes sedimentos e vulcânicas (+ plutônicas) são indícios de etapa de estabilização tectônica importante que perdurou por todo Mesoproterozoico. Os ciclos subsequentes do Neoproterozoico não pouparam estes terrenos/contextos do Paleoproterozoico. Mais ainda, consignaram laboratório excepcional de pesquisa científica no âmbito da “regeneração”/descratonização de áreas continentais dantes estabilizadas.

PALAVRAS CHAVE: *SIDERIANO, RIACIANO, OROSINIANO*